

A narração e a sonorização de histórias para crianças: pela presença da figura do narrador na formação de professores

Zelmielen Adornes de Souza
Universidade Federal de Santa Maria
zelmielen@hotmail.com

Daniel Torri Souza
Universidade Federal de Santa Maria
daniel.contratenorviola@gmail.com

Comunicação

Resumo: O presente artigo socializa o relato de uma oficina sobre histórias sonorizadas que teve como objetivo refletir sobre o potencial do trabalho com a narração e a sonorização de histórias na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. A oficina aconteceu em um evento organizado pelos Laboratórios de Metodologia do Ensino, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, no segundo semestre de 2014 e contou com a participação de acadêmicos dos cursos de Pedagogia, Licenciatura em Música e do Mestrado em Educação da instituição. Na oficina foram discutidos os tipos e as formas de sonorização de histórias, bem como o planejamento das mesmas a partir da realização de atividades práticas com a sonorização de histórias já existentes e recriadas pelos participantes. O relato da oficina busca também problematizar a importância da criação de momentos e espaços, na formação de professores, para se pensar o trabalho com a narração e a sonorização de histórias para crianças, entendendo que as histórias, e em especial os contos de fada (BENJAMIN, 1985), são narrativas que ainda possibilitam comunicar experiências, que deixam marcas formativas, as quais as crianças carregam pela vida inteira. Assim, o professor, como narrador em potencial, é responsável pela perpetuação da arte de contar histórias e, através delas, comunicar experiências às crianças.

Palavras chave: Histórias Sonorizadas; Formação de Professores; Narrador.

Era uma vez... Sobre a narração de histórias e seu potencial formativo

Quem nunca ouviu uma história sendo contada? E que professor nunca contou uma história para seus alunos? A arte de contar histórias é muito antiga e carrega um potencial formativo significativo. Esse potencial formativo reside no fato de que as histórias nos tocam de diferentes maneiras, mexem conosco e na forma como nos relacionamos com o mundo que nos cerca. Desse modo, como arte, que provoca e que toca, a narração de histórias precisa ser aprendida, exercitada. Não nascemos

narradores, mas todos, principalmente os professores, podem ser narradores em potencial.

A narração de histórias implica um encontro com o outro e uma viagem para outro lugar. Um lugar mágico onde tudo pode acontecer, basta ter imaginação e criatividade. Esse lugar já foi visitado por muitas crianças. Elas sabem como chegar lá, basta que nós professores oportunizemos espaços e momentos para essa viagem. Uma viagem que, com música, movimento e muitas cores, propiciará inúmeras experiências.

Contar histórias é, portanto, criar, brincar. O narrador brinca e cria ao contar, o ouvinte brinca e cria ao ouvir. E a história brinca e cria ao permitir-nos dizer e desdizer coisas sobre o indizível. Ela brinca com o narrador e com o ouvinte, permite que brinquemos todos juntos com as palavras. (MORAES, 2012, p. 103-104).

Nessa “brincadeira séria” (GRANDE, 2010, p. 128), que é contar histórias, proporcionamos diversas aprendizagens para os nossos alunos, não só sobre o conteúdo literário da história propriamente dito, mas sobre os elementos artísticos que se fazem presentes no ato de narrar e sobre a própria vida. Buscando discutir esses elementos que imprimem na narração de histórias uma vivência estética e formadora, organizamos uma oficina para acadêmicos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como parte das ações do “Programa LEM: Tocar e Cantar¹”. Essa oficina aconteceu no “II Seminário do LAMEN”, evento organizado pelos Laboratórios de Metodologia do Ensino do Centro de Educação da UFSM, no segundo semestre de 2014.

A oficina tratou sobre histórias sonorizadas e teve o objetivo de refletir sobre o potencial do trabalho com a narração e a sonorização de histórias na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim, na oficina, foram discutidos os tipos e as formas de sonorização de histórias, bem como o planejamento das mesmas a partir da realização de atividades práticas com a sonorização de histórias já existentes e recriadas pelos participantes.

¹ O Programa LEM: Tocar e Cantar é um projeto do Laboratório de Educação Musical do Centro de Educação da UFSM, o qual reúne ações de ensino, extensão e pesquisa, com a realização de oficinas, cursos e debates sobre Educação Musical.

A sonorização de histórias para crianças

O ato de contar histórias envolve, principalmente, a voz, a qual “possui, além das qualidades simbólicas, que todo mundo reconhece, qualidades materiais não menos significantes, e que se definem em termos de tom, timbre, alcance, altura, registro” (ZUMTHOR, 2005, p. 62). É através da voz que o narrador faz com que a história ganhe vida e seja percebida e recebida pelo ouvinte. Contudo, além da voz, podem ser utilizados diversos recursos materiais, como CD, livros, bonecos, fantoches, dedoches, imagens, instrumentos musicais tradicionais ou alternativos, etc., promovendo a exploração de vários sons, imagens, objetos, etc. Com isso, várias linguagens artísticas podem ser desenvolvidas junto à narrativa de uma história.

Ao sonorizar e encenar as histórias narradas há um enriquecimento das vivências compartilhadas entre narrador e ouvinte, pois, como ressalta Moraes (2012, p. 49): “Contar histórias não é um monólogo, mas um constante diálogo”. É através do diálogo que se promovem os encontros, as experiências.

Pobre haverá de ser uma história repleta de técnicas que não promova encontros, que não possibilite experiências. Algo como um livro sem páginas, uma casa sem lar. Que as histórias contadas sejam antes lar sem paredes para que por meio delas o vento cante a doce melodia trazida das montanhas; a lua deite sua luz sobre o repouso humano, emoldurando em meio às estrelas a sua vigília; o sol desperte todos sem distinção, lembrando que cada dia é sempre hoje, e que a chuva lave vez ou outra o que passou, para que cada história, ainda que seja a mesma, torne-se outra, sempre outra. (MORAES, 2012, p. 103).

Grande (2010, p. 130) enfatiza que a experiência de ouvir histórias não é passiva, “experimentamos sensações, emoções que perpassam nosso corpo, coração, artérias e mente. É neste exercício vivo do ouvir que nasce a experiência”. Assim, na narração com a sonorização de histórias, a música ocupa um papel muito importante no estabelecimento desse diálogo/encontro, integrando a narrativa e preenchendo-a de sentido. A música, nesse contexto, não é apenas um elemento de ilustração, mas sim de narração, da mesma forma que “[...] fazer música é, de uma maneira ou de outra, ouvir, inventar e contar histórias!” (BRITO, 2003, p. 161).

Desse modo, as histórias sonorizadas possibilitam trabalhar diversos conteúdos, dentre os quais ressaltamos os musicais: “como percepção, caráter expressivo e forma, o uso da voz e o manuseio de instrumentos” (REYS, 2011, p. 70), podendo também envolver um trabalho de registro musical (através de desenhos,

partituras analógicas, etc.) das composições. Esse trabalho desenvolve a exploração sonora, a imaginação e a criatividade das crianças.

A sonorização de histórias pode ser feita tanto pela professora (principalmente, no caso de turmas de bebês) quanto pela turma inteira de alunos, com a participação ativa das crianças em todo o processo de construção da sonorização. Essa sonorização pode ser realizada a partir de histórias já existentes (em livros, contos, fábulas, lendas, etc.) ou de histórias criadas com as crianças (dependendo da faixa etária) a partir de seus temas de interesse.

Para sonorizar histórias é preciso, de acordo com Reis (2011, p. 70), “tornar sonoro um enredo, ou partes dele, em fazer soar uma trama, seja por meio da voz ou de objetos e instrumentos. Nesse tornar sonoro, a utilização de sons ou de melodias passa a fazer parte da narrativa”. Há alguns tipos de sonorização bastante conhecidos, tais como a sonoplastia, a trilha sonora, os musicais e as fábulas musicais.

Um ponto importante na realização da sonorização de uma história consiste no planejamento. Antes de iniciar o trabalho com a sonorização de histórias, segundo Reis (2011, p. 74), é preciso questionar:

A temática é adequada à faixa etária?
Quais os recursos materiais disponíveis?
Que conteúdos desejo trabalhar?
Com que objetivos a atividade será desenvolvida?
Durante o trabalho, é preciso analisar, organizar, combinar e decidir junto ao grupo:
Quais são os personagens?
Haverá um narrador?
Em quais momentos haverá sons e canções?
De que modo serão organizados os elementos sonoros a fim de dar expressão às cenas?
Quais serão os recursos materiais utilizados?

Desse modo, para realizar um trabalho com a sonorização de histórias faz-se necessário conhecer a turma, seus interesses, bem como o espaço no qual ela será feita, entre outros aspectos. Independente disso, há inúmeras formas de fazer a sonorização e a narração de histórias. É uma das ações mais ricas e menos dispendiosas que podemos realizar na escola e, quando bem pensada, planejada e conduzida, faz com que todas as crianças se encantem e queiram repetir a vivência.

A oficina de Histórias Sonorizadas

A oficina de Histórias Sonorizadas foi ministrada no “II Seminário do LAMEN”, evento organizado pelos Laboratórios de Metodologia do Ensino do Centro de Educação (CE/UFSM), que ocorreu no segundo semestre de 2014. A oficina teve como objetivo refletir sobre o potencial do trabalho com a narração e sonorização de histórias com crianças na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

A oficina contou com a participação de acadêmicos do curso de Pedagogia, da Licenciatura em Música e do Mestrado em Educação da UFSM, totalizando onze participantes. A maior parte deles constituía-se de acadêmicos da Pedagogia, os quais já se encontravam por volta da metade da realização da graduação.

A oficina teve a duração de duas horas e foi organizada em cinco momentos: 1º - Apresentação dos palestrantes e participantes da oficina; 2º - Exposição e discussão sobre a sonorização de histórias; 3º - Sonorização de um conto de fadas; 4º - Atividades práticas com a sonorização de histórias; 5º - Avaliação da oficina.

No primeiro momento, solicitamos que cada participante se apresentasse, informando nome, curso, semestre e o motivo que o levou a se inscrever na oficina. Fizemos isso com a intenção de conhecermos um pouco sobre cada participante e suas expectativas com relação ao trabalho com histórias sonorizadas. Nesse momento, também nos apresentamos e contamos os motivos que nos levaram a ministrar essa oficina, os quais se ligam a nossa trajetória com a música e seu ensino, além do desejo de que os futuros professores tenham condições de trabalhar com a narração e a sonorização de histórias de forma lúdica e criativa na escola.

No segundo momento, realizamos uma exposição sobre os tipos e as formas de sonorização de histórias, bem como o planejamento das mesmas. Também discutimos com os participantes sobre o potencial formativo do trabalho com histórias sonorizadas para crianças no espaço escolar como forma de trabalhar com diferentes linguagens artísticas. Além disso, enfatizamos como as histórias sonorizadas possibilitam o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da exploração sonora, da responsabilidade com o grupo, da sociabilidade, da autonomia, etc.

No terceiro momento, realizamos a sonorização do conto de fadas “Chapéuzinho Vermelho” para os participantes, com a utilização de dedoches, teatro e instrumentos musicais. Antes de iniciarmos a sonorização, pedimos para eles

observarem aspectos relacionados à forma como a caracterização dos personagens era feita através da voz e sua entonação, bem como os recursos sonoros utilizados e a maneira como a narrativa era conduzida. Após, conversamos com os participantes sobre o que observaram e sublinhamos a importância de entrarmos na história ao narrá-la, de mostrar as emoções que ela suscita através da voz e dos sons, de incorporarmos os personagens, de improvisarmos, entre outros pontos importantes presentes na dramatização de um conto de fadas.

No quarto momento, pedimos aos participantes para se organizarem em grupos e planejarem a sonorização de uma história existente ou inventada por eles. Para tanto, disponibilizamos vários livros de literatura infantil, diversos dedoches, instrumentos musicais e um teatro de dedoches que confeccionamos especialmente para a oficina. Esse teatro foi confeccionado de modo a mostrar aos participantes que com poucos materiais era possível criar um teatro pequeno e atrativo para utilizar na sonorização de histórias para crianças.

Os participantes, com exceção de uma pessoa, reuniram-se em dois grupos, escolheram livros, dedoches e instrumentos musicais para planejar a sua sonorização. A pessoa que não fez isso foi a aluna do mestrado, que tem formação em Artes Visuais e pediu para fazer algo diferente. Ela criou uma história em quadrinhos sonora, na qual os sons eram expressos por figuras onomatopeicas e balões de conversa que tentavam representar a emoção dos diálogos entre os personagens da história. A história foi compartilhada entre o grupo e contribuiu para pensarmos sobre outras formas de produção de sonorização de histórias através de sua representação por imagens. Nesse tipo de trabalho, refletimos que a sonorização acontece no ato de leitura dos quadrinhos.

Após o planejamento, os dois grupos apresentaram as suas histórias sonorizadas. Um grupo recriou a história “A Princesa e o sapo”, dando-lhe um novo final. E outro, apresentou “Cachinhos Dourados e os três ursos”, improvisando bastante na narração. Todos utilizaram recursos sonoros e modificaram suas vozes para interpretar os personagens. Contudo, o que mais nos chamou a atenção foi que, ao realizarem a sonorização das histórias, os participantes se empenharam bastante e também se divertiram muito no processo e na apresentação. Foi um momento prazeroso e lúdico, como deve ser a narração de qualquer história.

No quinto e último momento, pedimos aos participantes que realizassem uma avaliação da oficina. Nesse momento nem todos se manifestaram, mas alguns relataram ter apreciado a vivência e ter podido conhecer mais sobre as histórias sonorizadas, o que contribuirá em suas ações no estágio e, depois, em suas futuras práticas na escola.

Também foi realizada uma avaliação escrita pelos organizadores do evento. Nessa avaliação, mais de um participante destacou como foi valioso poder praticar e vivenciar a sonorização de uma história na oficina. Alguns deixaram algumas críticas, dizendo que o tempo da oficina foi curto e que gostariam de ter experimentado outros tipos de sonorização, com outros materiais, etc., assim como a encenação das histórias.

Desse modo, a avaliação denotou o interesse demonstrado pelos participantes, bem como a necessidade, por mais tempo (duração) e aprendizados sobre a narração e a sonorização de histórias. Essa avaliação também será utilizada, por nós, como forma de reflexão para as futuras oficinas que possamos ministrar sobre esse tema, buscando sempre diferentes modos de poder contribuir com a formação de professores e de possibilitar que a figura do narrador se mantenha viva dentro de cada professor.

E viveram felizes para sempre... Pela presença da figura do narrador na formação de professores

Praticamente todos os contos de fadas que encontramos para crianças hoje em dia terminam com um final feliz, assim como nos presenteiam com um rico ensinamento para as nossas vidas. Benjamin (1985), em 1936, escreveu que há muitos séculos os contos de fada ensinaram a humanidade e, hoje, continuam a ensinar as crianças. Essa assertiva ainda continua válida. Em 2016, pode-se dizer que as crianças ainda continuam ouvindo, aprendendo e (re)contando histórias.

Contudo, outro ponto sublinhado por Benjamin (1985) também continua atual, o fato de que a arte de narrar está em processo de extinção. Não se narra mais uma história como antigamente era feito. Os professores, na correria do dia a dia e das exigências cada vez maiores sobre o seu trabalho, têm cada vez menos dedicado momentos para contar histórias aos seus alunos. Além disso, o fato de não estarmos mais ouvindo a narração de histórias também está promovendo o nosso silêncio

narrativo. Cada vez menos sabemos narrar histórias. E essa perda será irreparável se não encontrarmos espaços para pensar, ouvir e aprender a contar histórias e, até mesmo, sonorizá-las como foi o objetivo da oficina que ministramos.

Além dos motivos já assinalados sobre a importância da narração e da sonorização de histórias, encontra-se o fato de que muitas delas, em especial os contos de fada (BENJAMIN, 1985), são narrativas que ainda possibilitam comunicar experiências, que deixam marcas formativas, as quais as crianças carregam pela vida inteira. O professor, como narrador em potencial, é responsável pela perpetuação da arte de contar histórias e, através delas, comunicar experiências às crianças.

Desse modo, realizamos a oficina acreditando na importância da criação de espaços para se pensar o trabalho com a narração e a sonorização de histórias na formação acadêmico-profissional dos professores que atuarão na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Por fim, fica o desejo de que esses espaços se multipliquem, seja na intenção de continuarmos ouvindo narrativas e nos (trans)formando através delas, seja como uma forma de aprendermos a contar e a criar histórias explorando diferentes sons, músicas, cores, imagens e movimento.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança*. 2ª ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

GRANDE, Simone. A narração de histórias como aprendizado narrativo. In: TIERNO, Giuliano (Org.). *A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática*. São Paulo: Ícone, 2010. p. 127-135.

MORAES, Fabiano. *Contar histórias: a arte de brincar com as palavras*. Petrópolis: Vozes, 2012.

REYS, Maria Cristiane Deltregia. Era uma vez... Entre sons, músicas e histórias. *Música na Educação Básica*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 68-83, 2011.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo: entrevistas e ensaios*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.